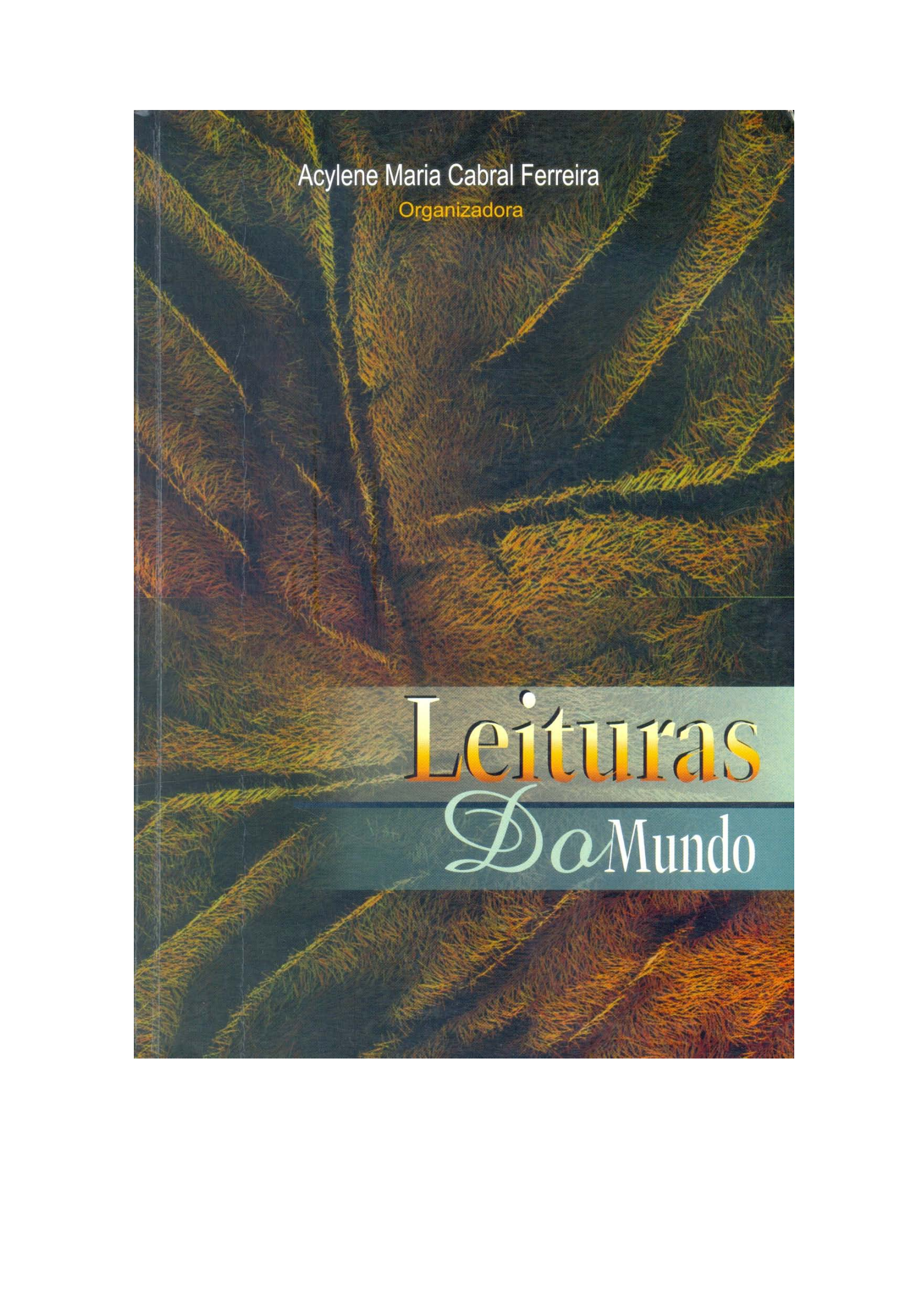




Acylene Maria Cabral Ferreira

Organizadora

Leituras Do Mundo

Este livro ou parte dele não pode ser reproduzido por qualquer meio sem autorização dos editores.

Coordenação Editorial: José Carlos B. Sant'Anna
Revisão de texto: Acylene Maria Cabral Ferreira
Diagramação e programação: Virgínia Oliveira
Capa: Gisele Corni
Impressão: Empresa Gráfica da Bahia

Quarteto Editora

Av. Antonio Carlos Magalhães, 3213 – Edifício Golden Plaza, sala 702
Parque Bela Vista – Brotas
CEP.: 41.275-000 – Salvador-Bahia
Telefone: 0(xx) – 71-3452-0210 e Telefax: 0(xx)-71-3353-5364

Universidade Federal da Bahia

Reitor: Naomar Monteiro de Almeida Filho

Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas

Diretora: Lina Maria Brandão Aras
Programa de Pós-Graduação em Filosofia
Coordenador: João Carlos Salles Pires da Silva

Endereço:

Estrada de São Lázaro, 197 – Federação
Salvador – Bahia – 40.210-730
Fone: 3247-2800 – ramal 29
Fax: (0xx71) 3263-6349 – www.ppgf.ufba.br

F383l

Ferreira, Acylene Maria Cabral
Leituras do Mundo / Acylene Maria Cabral Ferreira . — Salva-
dor: Quarteto, 2006.

248p

ISBN: 85-87243-59-4

1. Filosofia 2. Metafísica I. Título II. Ferreira, Acylene Maria
Cabral

CDU 101.1

PREFACIO

Os textos reunidos nesta coletânea foram apresentados no II *Encontro de Fenomenología e Hermenêutica: Leituras do Mundo*, promovido pelo Mestrado em Filosofia da Universidade Federal da Bahia (UFBA), realizado em Salvador, no período de 20 a 23 de março de 2006. Geralmente, as promoções desta natureza realizadas pelo Mestrado contam com parcerias, neste caso em particular, com o Departamento de Filosofia da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES) e com a Vale do Rio Doce. Vale ressaltar que a realização do evento bem como a publicação deste livro tornou-se possível devido ao apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). O II *Encontro de Fenomenologia e Hermenêutica: Leituras do Mundo* propiciou a interlocução da filosofia com a ontologia, psicanálise, mito e literatura promovendo o intercâmbio entre formas distintas do conhecimento. Devido a esta peculiaridade do evento, torna-se prudente e, portanto, faz-se necessário tecermos algumas considerações sobre a natureza da filosofia, para em seguida adentrarmos nos textos que pensam sua interface. Como o presente volume *Leituras do Mundo* da coleção *Ensaio de Filosofia Contemporânea* diz respeito a fenomenologia e a hermenêutica, nossas considerações sobre a filosofia também incorrerão sob este viés.

Nada melhor para refletirmos sobre a natureza da filosofia do que a passagem do discurso "Do pálido criminoso" de Nietzsche, no qual o autor afirma que é na "volúpia da faca" que está a verdade e o ser do crime,

ou seja, o fundamento do crime não está nem na ação criminosa nem no criminoso, visto que ambos se confundem, mas antes está no fio da faca por onde o sangue escorre e a vida escoia. "Uma coisa é o pensamento, outra, a ação; e outra ainda, a imagem da ação. [...] Da mesma estatura da sua ação era ele [o criminoso], quando a executou; mas não lhe suportou a imagem, depois de executada."¹ Esta afirmação é importante para refletirmos sobre a natureza da filosofia porque nela Nietzsche apresentou, obliquamente, os pilares sem os quais não poderíamos pensar a filosofia, quais sejam, a verdade, o ser, o homem, o pensamento, a ação e a imagem da ação, isto é, o cotidiano, o mundo no qual vivemos e a partir do qual nos tomamos quem somos, quer dizer a finitude dos acontecimentos e a finitude da nossa existência cotidiana, a qual, às vezes, é tão pesada para nós que insistentemente a negamos, seja criando, idealmente, as dimensões da eternidade, perfeição, unidade, identidade e infinitude, seja nos alienando de nós mesmos.

Assim como no discurso "Do pálido criminoso" não temos uma distinção entre a ação criminosa e o criminoso também na filosofia não temos uma distinção entre o filosofar e o homem porque ambos se confundem, à medida que a filosofia ou qualquer outra forma de conhecimento pode ser vista como um comportamento do homem, já que é o homem quem os faz e neste sentido, obviamente, todo conhecimento produzido tem o modo de ser do homem. Desta maneira, então a arte, a ciência e a filosofia, enquanto formas de produção humana, são uma e a mesma coisa? Sim, se partimos do pressuposto que estas formas de produção exprimem a realidade sob uma certa perspectiva: uma expressão artística, uma máxima filosófica ou a operacionalidade científica. Não, se formos capazes de percebermos que embora estas perspectivas expressem a realidade, cada uma tem um olhar próprio que as distinguem das demais. Por exem-

¹ NIETZSCHE, F. *Assim falou Zaratustra: um livro para todos e para ninguém*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000, p. 64.

plo, podemos aproximar a poesia da filosofia e, no entanto não conseguiremos que o pensamento filosófico seja arte e vice-versa, apesar de ambos lidarem com palavras. Por outro lado, podemos aproximar a ciência da arte ou da filosofia e também notaremos um abismo entre elas, pois a ciência concerne ao tratamento da operacionalidade da realidade, o qual é impossível para a filosofia e para a arte, porque a filosofia trata da fundamentação racional da realidade e a arte, por sua vez, cuida de expressar, afetivamente, a realidade. Donde podemos dizer que ao mesmo tempo em que existe uma diferença abissal entre estas formas de produção humana, na qual elas não se encontram, existe também um co-pertencimento ou uma interdependência entre elas, no qual uma delas não se define sem a outra. Isto é, quem fundamenta a ciência e a arte é a filosofia, quem empresta a operacionalidade da natureza para a manifestação artística e para a fundamentação filosófica da realidade é a ciência e, por fim, quem expõe os segredos da realidade para a ciência e a filosofia é a arte. Isso significa que as formas de produção humana apresentam um comum pertencimento que tanto as aproxima quanto as distancia e as unifica, enquanto modos de ser do homem, em uma diferença abissal. A partir dessas considerações podemos então afirmar que a filosofia é um comportamento do homem. Por quê?

Pelo fato de o homem viver questionando-se sobre o que é o mundo, que é o homem, quem são os deuses, o que é a filosofia, o que é o amor, que é a vida, o que é a morte e assim por diante. O que essas perguntas têm em comum? O questionamento pelo modo de ser de alguma coisa. Se a comum unidade entre essas perguntas reside no questionamento sobre o ser de alguma coisa para enfim compreendê-las e lidarmos com elas, podemos considerar que sempre que perguntamos pelo ser de algo estamos, na verdade, em busca de seu fundamento. Se, cotidianamente, questionamos sobre o ser das coisas e se a forma de produção humana que fundamenta nossa compreensão cotidiana de ser é a filosofia, podemos então afirmar que a filosofia é um comportamento do homem. Cabe salientar

que a filosofia é um comportamento do homem na medida em que "a filosofia é um corresponder do ente ao ser e na medida em que vivemos e residimos nessa correspondência, enquanto ente que somos."² Toda vez que dizemos que algo é desta ou daquela maneira, estamos sempre nos referindo ao ser de um ente e, simultaneamente, experienciando uma correspondência do ente ao ser. Porém essa correspondência do ente ao ser que, cotidianamente, é a coisa mais trivial de nossa existência, visto que nada é fora dela, filosoficamente, se coloca para nós como uma aporia, como um problema que o conhecimento ainda não é capaz de solucionar, qual seja, somos entes e vivemos em meio aos entes, mas sempre que nos referimos ao ente naquilo que ele é, fazemo-lo mediante o ser, e sempre que nos referimos ao ser, fazemo-lo mediante os entes. Por isso, Heidegger afirmou que vivemos, cotidianamente, na dobra do ser e do ente. Sabemos o que é o ente e o que é o ser, mas por vivermos, exatamente, na dobra não conseguimos definir a própria dobra, quer dizer, aquilo que marca a diferença entre o ser e o ente.

"A dobra se mostra, pelo menos, nas expressões 'ser *dos* entes' e 'sendo *tw* ser'. Só que com o 'no' e o 'dos' o que se desdobra fica, em seu vigor de essência, mais escondido do que explicitado"³, porque o que se desdobra é o ser. A dificuldade de tratarmos do ser dos entes está no limite da nossa forma de compreender e expressar o ser, já que somente podemos falar da dobra do ser e do ente a partir das expressões "ser *dos* entes" e "sendo *tw* ser", as quais não nos esclarecem exatamente onde a dobra acontece ou em que consiste tal dobra, pois a maneira que temos de falar da dobra é a partir do ente, isto é, do "sendo *tw* ser" e a partir do ser enquanto "ser *dos* entes". Podemos dizer que as expressões "no" e "dos" correspondem à dobra do ser e o desdobramento desta dobra contido nas

2 Cf. HEIDEGGER, M. "O que é isto - a filosofia". In: *Heidegger: Conferências e escritos filosóficos*. São Paulo: Abril Cultural, 1979, p. 20. (Os Pensadores).

3 Idem, Moira. In: *Ensaio e Conferências*. Petrópolis: Vozes, 2002, p. 213.

expressões "no" e "dos" convergem para a verdade do ser. Como as expressões "no" e "do" referem-se à verdade?

Pelo co-pertencimento da verdade ao ser. Deste co-pertencimento resulta que a verdade é "o desdobramento da dobra no sentido de descobrir [...], como o descobrir da dobra"⁴, a verdade responde pela experiência do ser. Vale ressaltar que "fora da dobra não há jamais qualquer vigência de coisas vigentes, pois vigência como tal reside na dobra"⁵, reside no ser, visto que "somente o ser 'é' somente no ser e como ser advém isso que nomeamos o 'é'".⁶ Isto quer dizer que fora do ser nada é, por isso quando afirmamos que alguma coisa é, referimos-nos ao seu ser, ou seja, ao "sendo *rw* ser". Percebemos explicitamente aqui o limite de nossa forma de compreender e expressar a dobra do ser: tudo o que é, é ser e, no entanto, cotidianamente, nomeamos tudo isto que é como ente, como o "ser *dos* entes"j devido a esta idiossincrasia "a filosofia procura o que é o ente enquanto é. A filosofia está a caminho do ser do ente, a caminho do ente sob o ponto de vista do ser. [...] A filosofia é uma espécie de competência capaz de perscrutar o ente, a saber, sob o ponto de vista do que ele é, enquanto é ente"⁷, ou seja, do ponto de vista de sua verdade.

Até o momento refletimos sobre o que é a filosofia, porém é chegado o momento de pensarmos qual o papel do filósofo. Como afirmamos que a filosofia é um comportamento do homem porque é um corresponder do ente ao ser, então todos os homens são filósofos? Haveria uma diferença entre o homem e o filósofo? Vejamos. Se a filosofia é um comportamento do homem e uma competência que perscruta o ser dos entes, podemos inferir então que todos os homens questionam sobre o ser e neste sentido todos os homens são ontológicos e constituem, ontologicamente, o mun-

4 Ibidem, p. 221.

5 Ibidem, p. 221.

6 HEIDEGGER, M. Le tournant. In: *Question II et IV*. Paris: Gallimard, 1976, p. 317, 316.

7 Idem. "O que é isto - a filosofia", p. 18.

do. Constituir ontologicamente o mundo nos dá uma compreensão de ser do homem, mas não nos esclarece a dimensão de ser do filósofo, portanto podemos dizer que todo homem é ontológico, mas nem todo homem é filósofo, porque os filósofos são aqueles que além de constituir, ontologicamente, o mundo, ocupam-se em recuperar, fundamentar e explicitar a constituição ontológica de homem e mundo que acontece no nosso cotidiano e da qual todos os homens participam. Nesta recuperação acontece a coexistência de homem e mundo pela correspondência do ente ao ser. "O filósofo é o homem que desperta e fala, e o homem contém em silêncio os paradoxos da filosofia, porque, para ser plenamente homem, é preciso ser um pouco mais e um pouco menos do que o homem."⁸ Sendo assim, podemos dizer que o homem é aquele que guarda em si os paradoxos da existência e, consecutivamente, guarda também os paradoxos da filosofia, já o filósofo é o homem que é capaz de recuperar, desenvolver e explicitar estes paradoxos. Diante disso, podemos afirmar que os homens que filosofam assumem a existência e a história como sendo o seu próprio ser, isto é, assumem como sua responsabilidade a descoberta e a explicitação do sentido do ser.

Ora, mas como o filósofo pode descobrir o sentido do ser se somente podemos falar do ser como "ser dos entes" e dos entes como "sendo no ser"? Filosofamos porque "a relação do filósofo com o ser não é uma relação frontal do espectador e do espetáculo, mas como uma cumplicidade, uma relação oblíqua e clandestina"⁹, porque o que pode ser visto frontalmente é o ente, o ser pode apenas ser visto obliquamente. Nesta perspectiva, a relação que o filósofo pode estabelecer com o ser é uma relação de clandestinidade e cumplicidade, como fazem os amantes; devido a esta relação a filosofia foi definida como amor ao saber. E foi este o principal

⁸ MERLEAU-PONTY, M. *Elogio da filosofia*. Lisboa: Guimarães Editores, p. 81.

⁹ Ibidem, p. 23.

legado que Heráclito nos deixou quando no fragmento 35 afirmou que "de muitas coisas devem homens amantes da sabedoria estar avisados"¹⁰, dentre uma delas devemos estar avisados de que a filosofia consiste em uma relação de obliquidade com o ser. Se partirmos desta perspectiva então a história da filosofia deve ser considerada como uma história de amantes que suportam a correspondência do ente ao ser, história esta que, por sua vez, coincide com a história dos amantes da disposição e abertura do homem para a convocatória de assumir o ser como o seu próprio ser. Tal acolhimento conduz o homem para a efetivação de seu ser enquanto ente que ele é e, ao mesmo tempo, o direciona para a fundamentação do sentido do ser e para a constituição ontológica do mundo. Sob esse ponto de vista, podemos corroborar que a história da filosofia consiste na história do recolhimento da verdade do ser e da constituição do ente enquanto ele é no ser; e que os homens amantes da sabedoria - os filósofos - vivem na compreensão do ser, acolhendo e recuperando a doação do destino do ser, estabelecendo uma coexistência harmoniosa e clandestina com a verdade do ser.

Da mesma forma que nos apropriamos do discurso "Do pálido criminoso" de Nietzsche para refletirmos sobre a natureza da filosofia, nos apropriaremos das seguintes palavras de Husserl para compatibilizarmos o filósofo e a filosofia: "Quem quiser realmente tornar-se filósofo deverá 'uma vez na vida' voltar-se para si mesmo e, dentro de si, procurar inverter todas as ciências admitidas até aqui e tentar reconstruí-las. A filosofia - a sabedoria - é de qualquer forma um assunto pessoal do filósofo. Ela deve constituir-se como algo dele."¹¹ Estas palavras mostram a compatibilidade da filosofia e do filósofo na medida em que evidenciam a radicalidade da filosofia, qual seja, ser filósofo consiste em algo mais do que somente

10 BORNHEIM, G. *Os filósofos pré-socráticos*. São Paulo: Cultrix, 1993, p. 38.

11 HUSSERL, E. *Meditações Cartesianas*. São Paulo: Madras, 2001, p. 20.

estudar filosofia e dominar teorias filosóficas, para ser filósofo é preciso estabelecer uma relação de obliquidade com o ser e a verdade assim como experimentar e participar de uma relação de intimidade com a filosofia.

Acylene Maria Cabral Ferreira